

## Lupe Cotrim, um inédito

LEILA V. B. GOUVÊA

FAPESP/IEB-USP



Prematuramente desaparecida, a poeta paulista Lupe Cotrim Garaude (1933-1970) deixou, além de sete livros de refinada poesia lírica, um punhado de inéditos, manuscritos inacabados encontrados em seu acervo, hoje sob custódia do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). O filósofo José Arthur Giannotti, com quem Lupe foi casada, resumiu certa vez essa face do legado da escritora: são “fragmentos ou primeiras versões de poemas, parte de um livro, ‘A invenção do homem’, cuja redação abandonou logo nos primeiros anos de sua vida universitária, uma peça de teatro”, “Amanhã seria diferente”, sobre a instrumentalização da universidade, após o golpe militar de 1964, que ainda pretendia rever.<sup>1</sup>

Esses manuscritos decerto pouco acrescentam à obra publicada, revista pela autora meses antes de sua morte – desse trabalho resultou uma seleção de poemas de seus cinco primeiros livros, a qual foi reunida à íntegra dos dois últimos na coletânea póstuma *Obra consentida* (1973). Contudo, muitos desses inéditos ajudam a iluminar a trajetória da poeta, que transitou do lirismo espontâneo do livro de estreia, *Monólogos do afeto* (1956), à busca de rigor formal e à prática do soneto, em *Raiz comum* (1959) e *Entre a flor e o tempo* (1961). Até chegar a tentativas de certa vertente de “poesia fenomenológica”, como no besteiário *Cânticos da terra* (1963), ao lirismo denso de *Inventos* (1967) e aos poemas de viés participante e de crítica social, em dicção elíptica e antioratória, do triplamente premiado *Poemas ao outro* (1970). Sem deixar de mencionar o livro de “transição”, *O poeta e o mundo* (1964).

O inédito “A invenção do homem”, cujo primeiro segmento adiante se publica, é exemplar de uma etapa das pesquisas de Lupe Cotrim. Escrito no início do curso de Filosofia que a poeta seguiu na USP, na década de 60 – onde buscou adensar a sua “concepção do mundo”, refletir sobre a linguagem e reinventar sua dicção poética –, o poema abandonado a meio do caminho refletirá os primeiros impactos desses estudos em sua escrita. Particularmente a descoberta da Filosofia grega, sobretudo a dos pré-socráticos. Com seis segmentos datilografados, o manuscrito traz uma epígrafe de Heráclito – “Eu me

procurei a mim mesmo” – e evoca a passagem do homem na Terra, desde os tempos míticos: “Sob o teto azul do mistério,/e um sol suntuoso, o homem aparecia./(...) Quase inconsciente,/vendo-se a si mesmo,/visão que um paraíso perderia”, dizem versos do segmento II.

Acercando-se, ao mesmo tempo, das filosofias da existência de Heidegger e Merleau-Ponty, do pensamento ainda emergente de, entre outros, Barthes e Foucault, sem deixar de sorver a sua porção de Marx, a intelectual sintonizada com seu tempo também empregou a sua temporada de estudos filosóficos no crivo do humanismo intuitivo e do “socialismo utópico”<sup>2</sup> que impregnavam os seus versos; e na investigação de um novo tratamento da língua. Empenhou-se ainda, paradoxalmente, em limpar a sua escrita de certo veio filosofante, conforme testemunham algumas de suas cartas ao poeta Carlos Drummond de Andrade, maior interlocutor epistolar de sua vida breve, nas quais avaliou: o curso de Filosofia “me foi muito útil. Pelo menos o ranço filosófico saiu de minha poesia (...) [que se tornou] mais lírica do que nunca, depois desse massacre sistemático entre o ser e o não ser”.<sup>3</sup>

Ainda assim, a lírica de Lupe Cotrim Garaude poderá ser inserida entre a de certos poetas de formação filosófica da “geração 60”, à qual tem sido vinculada. Voltar a ela, mesmo na vertente “não consentida” de sua obra, como em “A invenção do homem”, é usufruir uma poesia de pensamento em “vibração emotiva”, como que inclinada, disse um crítico, a “sentir com o intelecto”.<sup>4</sup> O legado de Lupe inclui alguns extraordinários poemas, mas resta lamentar que sua produção tenha sido interrompida, pelo câncer que a vitimou aos 36 anos, quando havia reunido a experiência e o repertório de recursos que a habilitavam a um mais ousado salto criador.

<sup>1</sup> “Observação”, in Lupe Cotrim Garaude, *Obra consentida*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

<sup>2</sup> Cf. John M. Parker no ensaio *The poetry of Lupe Cotrim Garaude*. In: *Ibero-Amerikanisches Archiv*: Londres, Berlim, 1975, p. 39-60.

<sup>3</sup> Cartas de Lupe Cotrim a Carlos Drummond de Andrade, 20 ago. 1965 e ago. 1966.

<sup>4</sup> Gregory Rabassa, in *Books Abroad*. Norman: University of Oklahoma Press, summer 1962.

## “A INVENÇÃO DO HOMEM – I”

LUPE COTRIM GARAUDE

Tempo de estar, por muito tempo.  
Depois, de prosseguir, de ultrapassar,  
tempo concreto, de assegurar,  
tempo de dança e luta, de deuses  
construídos, tempo de desejo e posse,  
corpos atentos, reunidos,  
tempo de ser e vir a ser,  
tempo abstrato, de conceituar.  
Que tempo é o tempo real,  
o tempo-rei, o tempo-estátua,  
rotação de sentido em translação  
ampliada? Tempo-planeta,  
de estrela um outro tempo,  
tempo de seiva e carne,  
de pedra e de colheita, tempo  
de fogo, de escrita, de leis  
e religiões, tempo de arte,  
a carne enraizada nos murais.  
Tempo de trocas, tempo de terra  
e mar, estradas percebidas,  
tempo de conquistas, fraticida,  
tempo de cidades erguidas,  
destruídas, tempo palmilhado,  
dividido, tempo de amar  
– estar fora do tempo, tempo  
de vida, dias pertencidos,  
noites esquecidas, tempo de céu  
e inferno, tempo de morte  
sem nenhum sentido, tempo de cristo  
sonhado irmão, sem pobre ou rico,  
tempo-bomba, tempo suicida,  
tempo de máquinas, de bens  
não divididos,  
e enfim o tempo-espaço,  
o tempo relativo, do mistério  
circundado e ainda vivo.

Recebido: 10 de julho de 2010  
Aprovado: 20 de setembro de 2010